



migrantes em busca de uma teoria

Rolando Lazarte*

O interesse dos pesquisadores pela questão migratória na América Latina, vem decaindo nos últimos tempos. O propósito destas linhas é levantar algumas perguntas e lançar algumas reflexões sobre o por quê dessa progressiva perda de interesse nos fenômenos migratórios, principalmente por parte da produção científica brasileira.

Numa recente avaliação sobre a produção científica da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), chama a atenção dois fatos que manifestam de alguma maneira o desinteresse mencionado: um deles diz respeito a diminuição de pesquisas dentro da ABEP dedicadas ao tema das migrações internas, como também o escasso uso feito até o presente momento das informações relativas ao fenômeno migratório, incluídas no Censo Demográfico de 1980 a pedido dos próprios investigadores da área (1).

Tomando-se somente como referência a produção científica da ABEP e não o total das pesquisas brasileiras sobre migrações internas, esses dados adquirem relevância, considerando-se que a entidade congrega os principais estudiosos da problemática populacional do país.

Os autores assinalam como possíveis fatores da diminuição do interesse pela questão migratória, depois do "boom" dos anos 70 (motivado segundo eles tanto por uma exacerbação dos movimentos migratórios que acompanhou a fase ascendente da economia nacional, como também pela disponibilidade dos dados do Censo de 1970, que permitiu a realização de inúmeros estudos sobre o fenômeno), o escasso impacto dos estudos realizados sobre política migratória oficial, bem como a mesma "saturação" do mercado de estudos migratórios.

Não subestimando esses fatores, me parece que se deva dar atenção a alguns fatores, tanto intra-científicos quanto extra-científicos, que podem ter também sua influência no desinteresse dos pesquisadores sobre o tema em questão. Esclareço, antes de entrar no assunto em si, que as reflexões e perguntas que se seguem, não surgem de um estudo sistemático da

* Mestre em Sociologia, IUPERJ; Doutorando do Departamento de Sociologia da FFLCH da USP.

produção sobre migrações internas na América Latina, nem tão pouco no Brasil. Elas brotam de um contato parcial com a bibliografia disponível, e portanto, eventuais desconhecimentos de obras relevantes poderão ocorrer. O que pretendo, é somente formular minhas próprias dúvidas, que nasceram de um conhecimento não exaustivo da bibliografia. Procuo pelo menos clarear o problema, e quem sabe, inspirar a quem disponha de maiores condições ou capacidade de avançar além das minhas perguntas e reflexões.

Os estudos migratórios, como se sabe, se situam na intersecção de várias disciplinas da área de Ciências Sociais: Sociologia, Economia, Demografia e Antropologia. Os recortes conceituais de cada uma destas disciplinas significam, dentro da forma dominante de fazer ciência, uma ênfase em determinadas dimensões do fenômeno e a colocação em segundo ou terceiro plano das outras dimensões.

A primeira questão que me ocorre é que essa segmentação disciplinária, com o todo saudável que possa ser para a determinação de tipos específicos de causas ou fatores determinantes da migração, não estaria desempenhando um papel restritivo em relação a possibilidade de alcançar uma compreensão integral do fenômeno. Isto é, em que medida a autolimitação do pesquisador aos fatores exclusiva ou predominantemente econômicos, políticos, psicossociais, etc., considerados como explicativos segundo ópticas parciais das respectivas disciplinas, inibe a consideração de dimensões que estão mais além da fronteira da especialidade, e que não se incluem na investigação, ou por desconhecimento ou por uma visão excessivamente apegada aos modos usuais de abordar o problema a partir de cada disciplina.

A este respeito, cabe perguntar se o abandono das dimensões individuais ou familiares do fenômeno migratório em seu aspecto qualitativo – motivos e formas sobre a decisão de migrar, etc. –, e o excessivo uso dos dados quantitativos relativos à indivíduos nos Censos e Pesquisas de Domicílio, não conduzem a uma decomposição do sujeito individual da migração em uma infinidade de dados sobre sua educação, renda, qualificação profissional e evolução espacial. Não há dúvida de que os trabalhos quantitativos dão excelentes resultados a nível da determinação das macro-causas da migração, ao associá-la basicamente às mudanças das atividades econômicas no espaço, bem como no tempo (transformações tecnológicas, conjunturas econômicas de expansão e retração). No entanto, a impressão que tenho dos estudos quantitativos é que tratam de coisas e não de pessoas; são massas de indivíduos, não são gente.

Já disseram que o fato dos dados disponíveis a respeito da migração interna serem basicamente, ainda que não exclusivamente, provenientes de fontes censais, limita o tipo de abordagem possível sobre eles mesmos (2). Agora sabemos que não há dados abstratos, mas que os dados tornam-se tais, quando alguma teoria seleciona um setor da realidade e o constitui em objeto de indagação (3). Cabe então perguntar onde está a teoria da migração interna, se é que ela existe, já que somente ela poderia fazer essa delimitação do real que cria tanto o objeto, quando os dados (4).

Parece-me que a questão de que se existe ou não uma teoria das migrações internas, isto é, um corpo de conhecimentos a luz do qual seja possível abordar além da generalização empírica o fenômeno migratório, é a questão chave para tentar entender o progressivo abandono por parte dos pesquisadores desta área do conhecimento.



Creio que a ninguém estimula muito a mera correlação dos movimentos espaciais de população com indicadores de inversão, mudanças na tecnologia agrícola, índices de renda, ocupação e educação. Assim, na medida em que não se dispõe de um quadro teórico onde os achados empíricos possam ser inseridos e assim serem compreendidos e reproblemáticos, o interesse pelas investigações, a curiosidade dos estudiosos, como também a delimitação de novos rumos de pesquisa tendem totalmente a minguar (a menos que se tenha uma vocação definida somente para os estudos empíricos, coisa que pode ocorrer).

Contudo, creio que mais cedo ou mais tarde, todo pesquisador deseja ser algo mais do que um conhecedor do particular, deseja avançar em direção à uma inserção deste nas proposições de caráter mais abarcador – sejam hipóteses, sejam leis ou teorias –, que deem conta desse particular em sua relação com o todo maior do qual faz parte.

Em outro trabalho, discuti algumas tentativas produzidas no âmbito latino-americano, com especial referência ao Brasil, que procuraram estabelecer conexões entre os estudos migratórios e quadros teóricos mais abrangentes (5). O balanço dessas tentativas concluiu um saldo negativo em relação aos enfoques do subemprego, da pobreza urbana, do setor informal e do exército de reserva de mão-de-obra. Como disse ao princípio destas linhas, pode ser que alguém tenha avançado no caminho do encontro entre o nível empírico dos estudos migratórios e essa fugitiva teoria, se assim for, eu gostaria de saber.

NOTAS

- (1) MARTINE, G. e NEUPERT, R. – 1988. A produção da ABEP na área de migrações internas. In: BERQUÓ, E. (org.) *ABEP primeira década: avanços, lacuna, perspectivas*. Belo Horizonte, ABEP, p. 55-56.
- (2) MARTINE, G. – 1984. Os dados censitários sobre migrações internas: evolução e utilização. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS. *Censos, Consensos e contrasensos*. Ouro Preto.
- (3) BUNGE, M. – 1973. *La investigación científica*. Barcelona, Ariel, p. 379
- (4) Uma recente referência a tentativas de elaboração de uma teoria das migrações, pode ser encontrada em PATARRA, N. e CUNHA, J. M. – 1987. Migração: um tema complexo. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, 1(2): 32-35, jul./set.
- (5) LAZARTE, R. – 1987. Los migrantes en los mercados de trabajo metropolitanos: líneas de abordaje del problema en América Latina. *Problemas del Desarrollo*, 18(70): 136-175, jul./set.